UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDIGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA
Ênfase em Gestão Ambiental

RONALDO ANTÔNIO BARBOSA

AGRÍCULTURA TRADICIONAL GUARANI

Biguaçu. 2015.

RONALDO ANTÔNIO BARBOSA

AGRÍCULTURA TRADICIONAL GUARANI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, Departamento de História/CFH, como pré-requisito para a Conclusão de Curso, sob a Orientação da Prof.ª Helena Alpini Rosa.

Biguaçu, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o(a) acadêmico(a) RONALDO ANTÔNIO BARBOZA, matricula n.º 11100099, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Agricultura tradicional Guarani", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 27 de fevereiro de 2015.

Orientador(a)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos quatro dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 09 horas , na Escola indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Djá, Terra Indígena Mbiguaçu, SC, reuniu-se a Banca Examinadora composta a professora Orientadora e Presidente Helena Alpini Rosa, Professora Maria Dorothea Post Darella, Titular da Banca, e Professor,José Ribamar Bessa Freire Suplente, designados pela Portaria nº 67/HST/14 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Ronaldo Antônio Barbosa, subordinado ao título: **"Agricultura Tradicional Guarani".** Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido da Professora Maria Dorothea Post Darella , a nota final 10,0, do Professor José Rimarar Bessa Freire , a nota final 10,0., e da Professora Helena Alpini Rosa , a nota final 10,0.; sendo aprovado com a nota final 10,0. O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Florianópolis, 04 de fevereiro de de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. ..... Helena Alpini Rosa .....

Prof. .....

Prof. .....

Candidato ..... Ronaldo A. Barbosa .....

AGRADECIMENTOS

A nossa fala em se tratando de agradecer, não se resumiria a este pedaço de papel, pois iniciamos os agradecimentos, em primeiro lugar à Nhanderu nosso pai, por nos fornecer a vida e nos dar capacidade e força para realizarmos este trabalho.

E logo a seguir, destacamos o agradecimento sublime à minha mãe que me trouxe à este mundo, Dona Nadir Moreira Amorim, abraços e beijos calorosos por sua vida e me ensinar constantemente como pisar nesta terra.

A uma luz que me conforta todas as noites, que agora com sua extensão ainda que em miniatura, mas também dotada de pleno amor, cito minha esposa Marilene Gonçalves e nossa pequena luz e filha Maylen Moreira Gonçalves Barbosa, amores presentes na tarefa árdua do cotidiano e pela paciência, enquanto estive estudando, e por me fortalecer nesta caminhada, beijos em seus corações.

Ao meu sogro também acadêmico, Adelino Gonçalves e sua esposa Helena Moreira, por sempre nos apoiarem em todos os momentos, se fazendo presentes em nossas vidas.

A minha comunidade Guarani, onde nossa escola se apresenta como parte nesse todo, destaco, a Casa de Reza – Opy – nossa primeira escola, o fogo sagrado – Tata Endy Reko've, porque além de nos aquecer, nos fornece sabedoria e auxilia como guia em nosso caminho.

Às Lideranças da Aldeia por nos apoiarem como verdadeiros filhos de sua casa e também por partilharem conosco suas visões de mundo, servindo de apoio em nossas dificuldades em diversas ocasiões, como acadêmicos.

Ao acadêmico, colega Geraldo Moreira, por nos fornecer um pouco de seu vasto conhecimento e ser parceiro nas discussões sobre nossa cosmovisão.

À acadêmica, colega Adriana Moreira, por nos auxiliar neste trabalho, seja discutindo seu texto, seja traduzindo-o para o Guarani, ha'evete pela sua vida.

Ao acadêmico, colega Wanderley Cardoso Moreira, por seu auxílio no trabalho de campo, nas entrevistas e ainda por também partilhar seus conhecimentos.

Aos acadêmicos da turma Guarani, por vivermos em comunhão durante esse tempo de vivência na Universidade.

À minha orientadora Helena Alpini Rosa, por nos orientar neste trabalho, fornecendo dados importantes para que tivéssemos sucesso neste trabalho, e com sua aceitação por nos aceitar como seu orientando. Ha'evete.

Ao Diretor da Escola Indígena Wherá Tupã Poty Djá, Richard Thibes Sarmiento, por nos auxiliar nos trabalhos e também se fazer presente em nossa Aldeia, vivenciando nosso cotidiano, tanto escola quanto comunidade.

Aos nossos entrevistados, por terem paciência em nossas interpelações, em fornecer uma parcela de seu conhecimento e dessa maneira contribuir para o engrandecimento deste nosso trabalho, e serem guardiões, as bibliotecas vivas desse conhecimento sagrado, aqui citamos os nomes de Rosa Rodrigues Pará Yvá, Alícia Ortega Keretchu e Nadir Moreira Amorim, minha querida mãe. Ha'evete pelas suas vidas.

À Universidade Federal de Santa Catarina, em seu Centro de Filosofia e Ciências Humanas e ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, agradecemos aos que dos mesmos fazem parte.

A todos os professores que nos acompanharam desde nosso ingresso, até o fim dessa jornada, que nos colocamos como graduados. Ha'evete.

Um agradecimento especial aos anciões da Aldeia Yynn Moroti Wherá, da Terra Indígena M'Biguaçu, nas pessoas do Senhor Alcindo Wherá Tupã e sua esposa Rosa Mariani Cavalheiro Poty Djá, por seus corações que abraçam a todos e nos fortalecem no cotidiano, em seu papel de lideranças espirituais e ainda pelos carinhos e conversas esclarecedoras, a nossa verdadeira raiz que nos fornece a essência do mundo espiritual. Essas palavras não conseguem atingir a plenitude da importância desses dois guardiões.

RESUMO PORTUGUÊS

No presente Trabalho de Conclusão de Curso a pesquisa em questão é sobre agricultura tradicional Guarani em três aldeias: M'Biguaçu, Mymba Roka e Ygua Porã, todas localizadas no município de Biguaçu e tem por objetivo mostrar que ainda é praticada agricultura tradicional nessas aldeias e em outras aldeias também. A agricultura está presente e faz parte de nossas vidas e está ligada ao mundo espiritual, sendo assim as histórias orais serão o ponto de partida sobre ontem e hoje. E dessa maneira, iremos abordar como essa agricultura tradicional vem se mantendo ao longo dos tempos, onde devemos tomar certas precauções ou cuidados, para que a cultura dos não indígenas não se sobreponha nesse ciclo e aconteça a ruptura com as verdadeiras raízes tradicionais.

As formas de cultivo tradicional Guarani passam pelo mundo espiritual, no sentido de consagrar o milho como uma forma de manter viva a essência da cultura, através do batismo das crianças com o nome em Guarani. A agricultura tradicional deve então continuar em sua rota traçada pelos anciões, no sentido de reforçar esse aprendizado e contrapor a agricultura atual presente em certas aldeias, já contaminada com práticas de agricultura dos não indígenas. O esforço dessas comunidades indígenas no presente busca mostrar o espírito de verdadeiras guardiãs da cultura na prática da agricultura tradicional, deixando como herança às futuras gerações dos Guarani.

Palavras-chave: Agricultura, tradicional, Guarani.

RESUMO GUARANI

Kova’e mba’eapo ma, anhemboe, mbaetchapa maenty reko mboapy tekoare py gua, M’Biguaçu, Mymba Roka,Ygua Porã, aikuaa pota mbaetchapa maenty reko, omaentyateri pa ay tekoarupi terapa any, hae mbaetchagua maetyi pa oguerekoteri, mbaerepa nomaetyaveima, aregua aikuaa tche vy, ay guiguapa mbaereretu nomaetyaveima areko aikuaa pota. Aevyma amombeu mbeuita marami pa maenty reko mboapy tekoapy gua. Aikuaa potaramo ma maentyreko pavê rekoarupi guaema momaentyaveiramo ma etavae kuery rekopy hae, etavae kuery onhoty vaekue re rivema nhamaena, haeramo ma aetcharamo ndaevei, aevyma ko maenty etei reko pavê aema ndoikuavei.

Maety reko djaikuaa pota ramo ma, pave nhee maentyi, hae, aevyma nhande mbyakuery nhanhotyi rae rakae nhamongaraii aguã pavei nheei re, djarotchapy tchaka aguã kyringuei nhee hae terá rai re, aevyma yma guive aema tudjaikuery hae karai kueiry oikuaa teri yma ve mbaetchapa omaenty rakae hae vyma ay peve hae kuery oikuaa etavae kuery mbyteipy tei nomokanhyi mbaemo rayii, ay peve oguereko kyringuevepe, kunumingueipe, Hae pavepe oetchauka aguã nhanderekoaei okanhyey aguã.

LISTA DE ENTREVISTADOS/COLABORADORES

ALICIA ORTEGA, Aldeia Mymba Roka – Amaral, Biguaçu/SC, 88 anos de idade.

ROSA RODRIGUES, Aldeia Yguá Porã – Amâncio, Biguaçu/SC, 75 anos de idade.

ALCINDO MOREIRA WHERA TUPÃ, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 106 anos de idade.

ROSA MARIANI CAVALHEIRO, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 98 anos de idade.

ADRIANA MOREIRA, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 33 anos de idade.

WANDERLEY CARDOSO MOREIRA, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 34 anos de indade.

NADIR MOREIRA AMORIM, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 61anos de idade.

GERALDO MOREIRA, Yynn Moroti Wherá, TI M'Biguaçu, Biguaçu/SC, 39 anos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Terra Indígena Yynn Moroti Wherá - mapa 16
Figura 02 – Opy da Aldeia Yynn Moroti Wherá 16
Figura 03 – Desenho da Terra Indígena M'Biguaçu 17
Figura 04 – Aldeia Indígena Mymbá Roká – mapa 19
Figura 05 – Desenho da Aldeia Mymba Roka 20
Figura 06 – Opy da Aldeia Mymba Roka 21
Figura 07 – Aldeia Indígena Yguá Porã - mapa 22
Figura 08 – Moradia e opy da aldeia indígena Yguá Porã 22
Figura 09 – Desenho da aldeia Yguá Porã 23
Figura 10 – Vista Panorâmica das Três aldeias do município de Biguaçu 24
Figura 11 – Plantio do amendoim, milho e bata doce 27
Figura 12 – Plantio do amendoim, milho e bata doce 27
Figura 13 – Plantio do amendoim, milho e bata doce 28
Figura 14 – Plantio do amendoim, milho e bata doce 28
Figura 15 – Calendário Guarani 32

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 05

RESUMO Português 07

RESUMO Guarani 08

ENTREVISTADOS/COLABORADORES 09

LISTA DE FIGURAS 10

SUMÁRIO 11

INTRODUÇÃO 12

CAPÍTULO I - A agricultura Tradicional Guarani 18

1. Situando as comunidades privilegiadas na pesquisa 18

1.1 Yynn Moroti Wherá 18

1.2. Mymba Roka 21

1.3. Yguá Porã 23

1.4 A Agricultura Tradicional Guarani 27

II CAPÍTULO – Agricultura e o mundo espiritual Guarani 31

2.1 *Nhemongarai* – Ritual sagrado das sementes 31

2.2. O Ritual na *Opy* – Casa de reza e a relação com a cosmologia Guarani 32

III CAPÍTULO – Agricultura e manutenção da cultura Guarani 37

3.1. Os desafios para manutenção da cultura 37

3.2 Agricultura – um bem sagrado para o Guarani 38

CONSIDERAÇÕES FINAIS 40

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 41

ANEXOS 42

INTRODUÇÃO

Sou Ronaldo Antônio Barbosa, do povo Guarani, conhecido também por Karai Dju (nome de batismo Guarani). Moro na aldeia Yynn Moroti Wherá (reflexo das águas cristalinas), Terra indígena M'Biguaçu-SC, localizada próxima à Polícia Rodoviária Federal no município de Biguaçu nossa aldeia é cortada pela BR 101, tem 59 hectares, onde vivem aproximadamente 120 pessoas. Nasci no município de São José, mais morei desde pequeno no município de Biguaçu. Uma parte da minha infância vivi fora da aldeia, depois fui morar na aldeia M'Biguaçu. Após o falecimento de meu pai, quando tinha sete anos, me mudei para a aldeia Morro dos Cavalos porque minha mãe já viveu antes mesmo de eu nascer lá onde ela criou meus outros irmãos por parte de mãe. Fiquei morando no Morro dos Cavalos durante dez anos, depois retornei para a aldeia M'Biguaçu onde estou até os dias de hoje, porque foi ai que eu aprendi a maior parte dos conhecimentos de nossos antepassados que seu Alcindo Wherá Moreira (Karai), nosso líder espiritual vem passando seus ensinamentos para nós da aldeia e eu ainda continuo aprendendo no meu dia a dia. Terminei meus estudos do ensino fundamental na escola não indígena e depois dei continuidade no ensino de jovens e adultos na escola Whera Tupã Poty Djá de M'Biguaçu onde consegui concluir o ensino médio, depois fui estudar o curso técnico no Colégio Agrícola de Araquari-SC que antes tinha um convênio com a UFSC depois se efetivou. O curso tinha duração de um ano e meio para o ensino técnico e três anos com ensino médio, éramos dois indígenas, mas apenas eu consegui concluir e me formar técnico em agropecuária, apesar das dificuldades encontradas. Agora sou acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em Gestão Ambiental.

Devido estar vivendo dentro de uma terra indígena pequena, onde não podemos fazer uma rotação de cultura ou praticar agricultura tradicional e com algumas influências dos não índios isso está fazendo que algumas sementes se percam. Isso fez com que eu desse continuidade no curso superior em uma área que abrangesse o que estudei no curso de técnico agrícola, que vai me permitir trabalhar em sala de aula e fora dela com os mais jovens fazendo com que eles vejam a grande importância que a agricultura Guarani faz em nossas vidas.

O tema que escolhi para desenvolver a pesquisa é: Do Cultivo tradicional ao cultivo atual e sua influência na vida social Guarani, visando problematizar especialmente quais eram as formas de cultivo tradicional de plantas do Guarani e quais dessas formas são mantidas

ainda hoje na comunidade: Quais eram as sementes mais cultivadas, qual época de cultivo e que importância tinham e tem para o povo Guarani? Dificuldades de prática da agricultura ontem e hoje e o uso que se faz do produto cultivado? Considerando especialmente a hipótese de que o cultivo tradicional Guarani é hoje ainda o meio mais eficiente para a comunidade, no entanto nem todas as famílias a praticam. A agricultura tradicional de fato está ligada ao mundo espiritual Guarani e isso se evidencia na prática.

Para que isso se concretize busco atingir os seguintes objetivos: Conhecer a agricultura tradicional Guarani, a forma de cultivo, as principais sementes comparando com as formas atuais de agricultura e as interferências na sobrevivência da comunidade Guarani. E ainda: Descrever como era a agricultura Guarani no passado e como é nos dias atuais; comparar as formas de cultivo tradicional com as formas de cultivo atual; identificar as dificuldades encontradas na agricultura tradicional e na agricultura atual e analisar as sementes mais utilizadas na agricultura Guarani tradicional e atual.

O presente trabalho compreende uma inserção através de outro olhar para a visualização das práticas agricultáveis das aldeias Guarani, segundo a tradição dos mais velhos e daquilo que o Karai Alcindo fala. É uma forma própria do Guarani realizar a agricultura nas suas aldeias. Essa forma vem sendo passada de geração em geração, desde que se tem lembrança, dos mais antigos, dos nossos pais, avós, para que isso não se perca, porque faz parte da cultura como se fosse nossa alma-gêmea, por isso a preocupação em fortalecer essa prática na aldeia. Entendendo o que diz o Documento "em defesa da agrobiodiversidade Guarani":

> O agroecossistema Guarani privilegia o uso, conservação, cultivo e troca de biodiversidade enquanto componentes fundamentais da própria cultura do grupo. O intercâmbio de sementes é uma atividade integrada ao modo de ser Guarani que fortalece laços de parentesco, promovendo a circulação das variedades no território de ocupação tradicional.[1]

Esta forma de agricultura consiste em manter vivas as sementes tradicionais e que hoje em dia estão se perdendo devido à falta de terras apropriadas para o cultivo dessas sementes e de mais variedades de plantas e também pela influência de fora que faz com que os jovens sejam abduzidos[2] pelas tecnologias, deixando as práticas de lado, e também essas práticas

---

[1] MDA/ Ministério de Desenvolvimento Agrário. **Documento em defesa da agrobiodiversidade Guarani.** Associação Rondon Brasil, 2007. s/p.

[2] Abduzido é aquele que desviou de um ponto, que se afastou ou arredou para outro lugar.

muitas vezes não são feitas por falta de conhecimento e muitas vezes por não ter alguma pessoa mais velha na aldeia, por isso a importância dessa pesquisa.

> A capacidade de transmissão dos saberes e as características do sistema agrícola dos Guarani, permitem perceber que os produtos e as técnicas de plantio incorporados nas aldeias procedentes do universo não indígena se apresentam enquanto campos de interculturalidade, não como princípios opostos, visto que não se pode pensar em dois modelos completamente diferentes.[3]

A pesquisa foi realizada em três aldeisas: Biguaçu: *Yynn Moroti Wherá* = reflexo das águas Cristalinas; Amaral: *Mymba Roka* = Pátio dos Animais e Amâncio: *Yguá Porã* = Fonte Bonita, por serem algumas, entre outras várias aldeias que praticam a agricultura tradicional, por ficar em mais próximas da minha aldeia e por conhecer as pessoas que serão entrevistadas, por isso a escolha.

Seguindo nesta perspectiva, esta pesquisa será desenvolvida a partir dos relatos dos mais velhos através de entrevistas orais, rodas de conversa ao redor do fogo, na casa de reza, seguindo os pressupostos da História Oral. Além disso, utilizo pesquisa bibliográfica; material áudiovisual, figuras, mapeamento das áreas cultiváveis das aldeias, que foi realizada da seguinte forma: saída de campo para ver as áreas cultiváveis e as variedades de plantas encontradas para fazer o croqui da roça, mapeamento via internet por satélite para marcar as áreas de cultivo das T.I, montagem com fotos das roças, aldeia e as pessoas entrevistadas em forma de vídeo.

A escolha das pessoas mais velhas das comunidades citadas acima foi feita por conhecê-las pessoalmente em outros projetos e de estar mais familiarizado, e por saber que elas praticam agricultura e conhecem a história da agricultura tradicional Guarani. Ainda, por serem pessoas mais velhas dessas aldeias, e essas aldeias do Amaral e Amâncio ficam próximas uma da outra, por isso a facilidade de locomoção. Outro ponto é que senhor Alcindo da comunidade de M'Biguaçu tem uma roça e cria animais na aldeia *Mymba Roka*, sendo assim resolvi pesquisar lá também. Existem outras aldeias que também praticam agricultura tradicional, e outras que já usam mais um sistema dos *djurua kuery* = não indígenas e elas também eles devem conhecer a agricultura de nossos antepassados, no entanto não a praticam. Por serem um pouco mais afastadas da minha aldeia e eu não ter tempo disponível para poder

[3] Idem, s/p.

visitar essas aldeias, decidi optar por estas três comunidades do município de Biguaçu/SC por terem roças com vários cultivares.

A senhora Rosa Rodrigues da aldeia *Yguá Porã* do Amâncio, ocupa um cargo importante na Aldeia por ser uma *tchedjary'i* = avó e parteira, um cargo de grande respeito na cultura Guarani, transmitindo seus conhecimentos para a comunidade. Além disso, no seu dia-dia trabalha na roça junto com seu marido, apesar dele já não enxergar mais. Quando tem alguma pessoa que chama para fazer trabalho de parto em outra aldeia, ela vai e fica cuidando da gestante e fica dando todas as instruções que ela precisa até o nascimento da criança. Dona Rosa frequenta a aldeia de M'Biguaçu quando acontece alguma cerimônia ou reunião na aldeia. Uma pessoa que é espelho para os jovens.

Dona Alicia Ortega *tchedjary***,** avozinha da aldeia *Mymba Roka*, Amaral, já não enxerga mais, mas tem uma função muito importante que é de aconselhar as pessoas mais novas da aldeia, por trazer em suas vivências as experiências de vida de nossos antepassados. Hoje em dia ela fica em casa com seus familiares e às vezes ela pede para sair e ir visitar outras pessoas da comunidade para conversar sobre a vida de adolescência e contar histórias de antigamente e coisas atuais. É também alguém que tem o conhecimento profundo dos costumes do Guarani e que praticou muita agricultura durante sua vida. É um exemplo para os jovens e pessoas que conversam com ela.

Senhor Alcindo W*herá Tupã, karai*, líder espiritual e conselheiro da aldeia M'Biguaçu, é uma pessoa muito respeitada pelas pessoas da comunidade e também por não indígenas que frequentam a comunidade. O senhor Alcindo vive no sistema de agricultura tradicional um sistema diferente dos demais membros da comunidade tendo em vista que a maioria quer sair para trabalhar fora e ganhar dinheiro e quase ninguém quer trabalhar nessa área da agricultura. Seu Alcindo tem uma grande responsabilidade de nos transmitir conhecimento e nos guiar por um bom caminho, para que não nos percamos totalmente no mundo do *"djurua kuery"*, porque nossa aldeia está próxima da cidade. Sem dúvida ele é um sábio da cultura Guarani e uma liderança a ser ouvida e seguida e nos mostra o quanto é possível viver a cultura Guarani dentro da diversidade do mundo.

Nesta perspectiva, a partir da experiência dessas lideranças guardiãs da cultura Guarani e que são nossas bibliotecas vivas, com dados da experiência própria como técnico agrícola e no estágio do curso, espero trazer a público os conhecimentos a respeito da agricultura tradicional Guarani e sua importância nos dias atuais nas comunidades aqui elencadas.

Nesse sentido, a pesquisa se desenvolve basicamente a partir das entrevistas realizadas com as pessoas mais velhas da comunidade, pois os Karaí Kuery "são os livros vivos", os que são responsáveis pela tradição oral, os que transmitem o conhecimento para as novas gerações. Por Isso a utilização da metodologia da História Oral, sendo o registro de experiências de pessoas vivas.[4]

Este Trabalho de Conclusão de Curso està apresentado aqui em três capítulos, com os quais realizo um breve resumo para orientar a leitura.

No primeiro capítulo sobre agricultura tradicional, situarei as aldeias privilegiadas, com amostras de imagens de satélite tiradas do *Google Earth*, fotos, quantidade de famílias e tamanhos das áreas aproximadamente que me foram fornecidas e relatarei um pequeno histórico de cada uma delas. Logo após entrarei num relato de como era e com está sendo praticada a agricultura tradicional nos dias atuais nessas aldeias fomentando sua evolução no passar do tempo e sua impotência, de como ela se apresenta em nossas vidas e as adaptações que estamos fazendo para manter viva. Em seguida acrescento imagens das roças.

No segundo capítulo será abordado sobre a agricultura e o mundo espiritual Guarani, o ritual do *Nhemongarai*, e de como se dá esse ritual e para que serve. Escreo sbre o tipo de sementes e alimentos que são levados para a *Opy* (casa de reza), com relatos dos entrevistados e de como era feito antigamente e como é nos dias atuais, citações de outros pesquisadores e sua impotência para o povo Guarani. Trato do Ritual na *Opy* – Casa de reza e a relação com a cosmologia Guarani e da questão do mês em que se dá o ritual do benzimento das sementes dos alimentos e também o batismo das crianças.

No terceiro e último capítulo vou abranger mais a questão da Agricultura e manutenção da cultura Guarani e também da agricultura como um bem sagrado para o Guarani. Escrevo sobre os desafios para manutenção da cultura, levanto dados referentes à pesquisa, o que devemos fazer para que a agricultura se mantenha viva, as interferências de fora, novas soluções para os dias atuais e ainda pequenas falas dos entrevistados.

Ainda apresenta-se fotos, mapas e desenhos no intuito de enriquecer e completar o trabalho. Espero assim que sintam a curiosidade de ler e tomar conhecimento de como a Agricultura Tradicional Guarani ainda se faz presente no cotidiano de nossas aldeias.

É importante mencionar também, que os depoimentos orais contidos neste trabalho, aparecem de forma bilíngue: primeiro na Língua Guarani e depois na Língua Portuguesa, isto

---

[4] ROSA, Helena Alpini Rosa. **A Trajetória histórica da presença da escola na comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC / Florianópolis/ SC: 2009, p. 204.

porque as entrevistas me foram concedidas na Língua Guarani e realizamos o trabalho de tradução das mesmas na hora da transcrição. Acredito também que assim o trabalho fica mais rico, pois traz a expressão que o entrevistado me concedeu.

I CAPÍTULO

A agricultura Tradicional Guarani

1. Situando as comunidades privilegiadas na pesquisa

1.1.Yynn Moroti Wherá

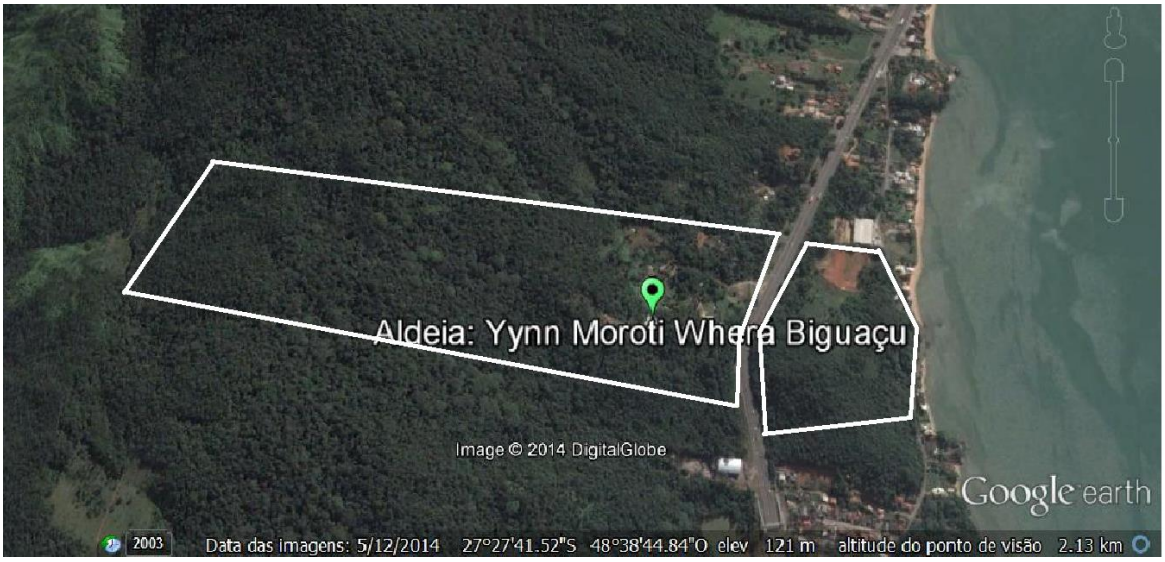

Figura 01 – Imagem de Satélite, Mapa panorâmico da **Terra Indígena Yynn Moroti Whera** – Imagem Google Earth, 05/12/2014.

Figura 02 – Opy – casa de reza da Comunidade Yynn Moroti Whera – foto de Ronaldo Barbosa, Biguaçu – 24/11/14

Figura 03 – Aldeia M'Biguaçu – desenho da comunidade Yynn Moroti Whera. Autor: Ronaldo A.Barbosa, Biguaçu – 16/01/15.

Nossa terra indígena *Ynn Moroti Wherá* (reflexo das águas cristalinas), M'Biguaçu está homologada e demarcada. Possui 59 hectares, é cortada pela BR 101. Está situada próximo ao bairro São Miguel, no município de Biguaçu, na rodovia BR 101, km 190.

Temos um cacique chamado Hyral Moreira, e demais lideranças que são Adelino Gonçalves e Santiago Oliveira. Nossa aldeia tem 32 famílias e aproximadamente 120 pessoas. Possuímos uma casa de reza com um líder espiritual chamado Alcindo Whera Moreira mais conhecido por seu Wherá Tupã, com 105 anos, e sua esposa Rosa Mariani Cavalheiro, em Guarani Poty Dja, dois anciões que nos guiam para um bom caminho. Possuímos 27 casas familiares, uma escola com o nome em Guarani dos dois anciões, as pessoas mais velhas da aldeia, uma casa de artesanato, uma casa de plantas medicinais e uma estufa.

Na aldeia convivemos em harmonia com as pessoas e a natureza, respeitando os mais velhos, ouvindo seus conselhos, porque eles é que rezam por nós. Temos medicina plantada na aldeia, que é defendida por nós mesmos. A maioria possui casa de alvenaria. Muitas vezes saímos para pescar fora da aldeia e vivemos do modo tradicional, mas adaptando muitas coisas que são do mundo do *Djurua kuery* (não indígena). Mesmo com essas adaptações não deixamos nossos costumes, e crenças, sempre os vivendo no dia a dia.

Nossa escola foi criada em 1997. Primeiro era de madeira e depois em 2003 foi inaugurado o novo prédio que recebeu o nome dos dois anciões da aldeia sendo assim chamada Escola Indígena de Educação Básica Wherá Tupã Poty Dja, que possui três banheiros, três salas de aula, uma biblioteca (que também funciona como sala de informática), uma secretaria, um pátio e contamos com a presença do diretor não indígena chamado Richard Sarmiento, um coordenador pedagógico. São sete professores indígenas e três não indígenas, totalizando doze profissionais. Temos também 2 computadores, um telefone fixo, uma impressora e um *data show*. Temos em nossa escola 33 alunos.

Em 2013 tínhamos 60 alunos, em 2014 tivemos um grande número de alunos que concluíram o ensino médio e outros que desistiram e alguns que se transferiram para outra escola devido a saída de seus pais para outra aldeia.

A escola possui uma trilha para receber alunos não indígenas para visitas onde é cobrado um valor, e através disso, alguns artesãos também poderem vender seus artesanatos e o dinheiro arrecadado na trilha fica para manter a escola comprar alimento ou algo que está em falta.

Poucas famílias da aldeia ainda cultivam algumas sementes tradicionais nas roças que fazem em volta de suas casas, isso para consumo e também tirar sementes para que não se

percam, e que elas possam ser plantadas no ano seguinte e assim passar esses conhecimentos para seus filhos e netos. A agricultura Guarani está ligada ao mundo espiritual e de alguma maneira está se manifestando no Nhemogarai (consagração dos alimentos) ou na troca de sementes com outras aldeias. Essas famílias que cultivam nas comunidades são nossos espelhos no modo vida por terem disposição no seu dia a dia, diferentes dos outros que vivem estressados com seu cotidiano.

Algumas famílias têm conhecimentos e por não ter uma terra fértil não querem dar muita importância, e outras não têm conhecimento, e não procuram saber, deixando a agricultura de lado para ir trabalhar fora da aldeia e comprar os alimentos do mercado, achando que aquilo é mais saudável do que nosso próprio cultivo.

1.2. Mymba Roka

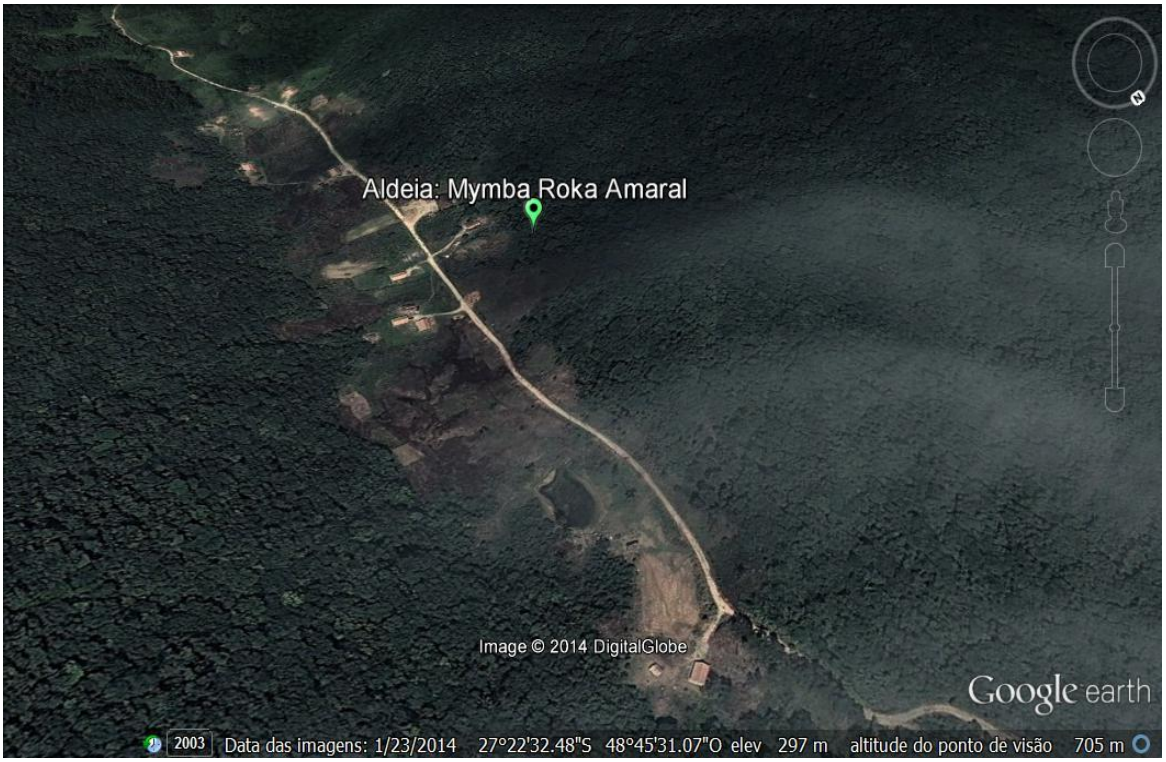

Figura 04 – Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da **Comunidade Indígena Mymba Roka** – Imagem Google Earth, 23/01/2014.

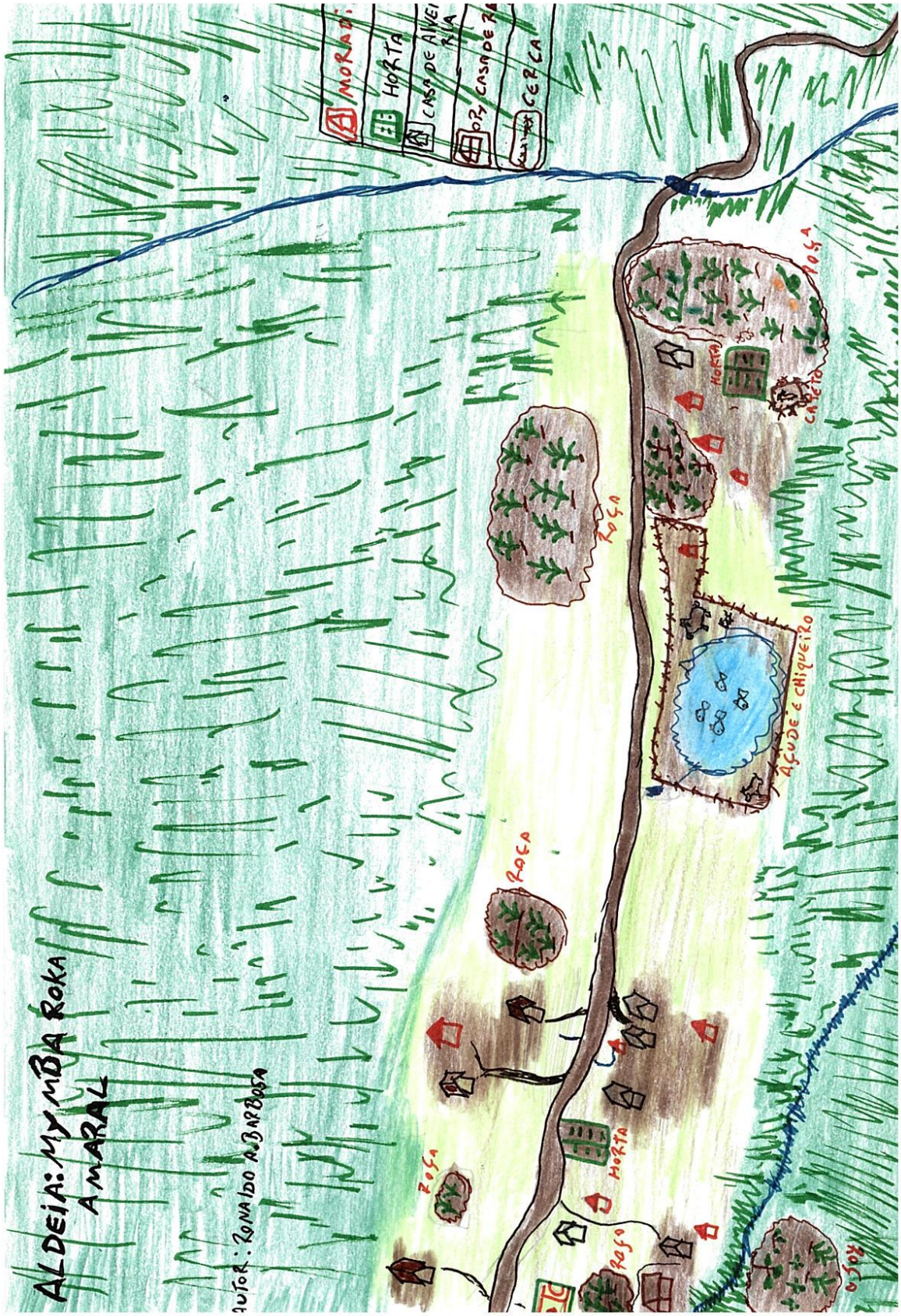

Figura 05 – Amaral - Desenho da Comunidade indígena Mymba Roka. Autor: Ronaldo A.Barbosa, Biguaçu – 16/01/15.

Figura 06 - Opy (casa de reza) da Aldeia Mymba Roka. Foto de Ronaldo A. Barbosa**.** 25/01/2013

A Aldeia Mymba Roka, que também é espaço desta pesquisa, está localizada no município de Biguaçu, mas a 30 km da cidade, no Bairro de Sorocaba de Dentro, na estrada do Amâncio. Foi adquirida em 2007 como medida mitigadora[5], onde algumas famílias da aldeia Maciambu se mudaram para a aldeia de Imaruí, e algumas famílias escolheram essa nova aldeia. Mymba Roka tem mais biodiversidade de fauna e flora. Com 509 hectares de terra tem mais mata e várias nascentes com espaço para roças, caças, coleta de frutas, coleta de matéria prima, criações de animais e espaço para lazer, longe da correria das cidades.

O antigo morador era criador de gado e tinha um espaço com eucaliptos plantados e um pouco de palmeira real que danificou alguns pontos da aldeia, mas agora estas áreas já estão se recuperando. O cacique da aldeia se chama José Benites que também é professor da aldeia e acadêmico da Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica. Atualmente ali vivem em torno de 20 famílias, possuem uma escola numa casa de alvenaria da comunidade até que se faça uma estrutura escolar adequada para os alunos. Há tamém uma Casa de Reza, a Opy que foi construída em um lugar especial na aldeia, conforme a imagem demosntra na Figura 06.

1.3. Yguá Porã

[5] Medida Mitigadora decorrente do projeto da Duplicação da BR 101 – trecho sul – Trata-se de uma medida compensatória de danos ao ambiente e / ou pessoas relacionadas em uma ação do poder público.

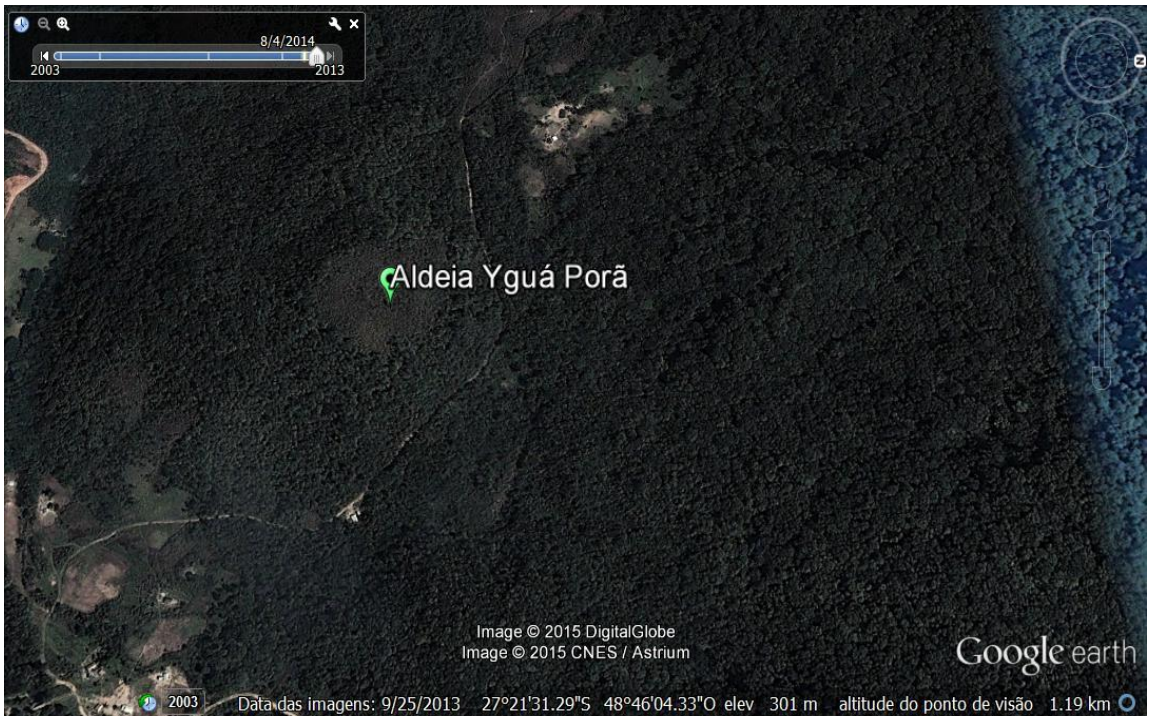

Figura 07 – Imagem de Satélite: Mapa panorâmico da **Terra Indígena Yguá Porã** – Imagem Google Earth, 25/09/2013.

Figura 08 - Moradia tradicional da Sra. Rosa Rodrigues e a opy (Casa de reza). Foto de Ronaldo A. Barbosa. 01/11/2014

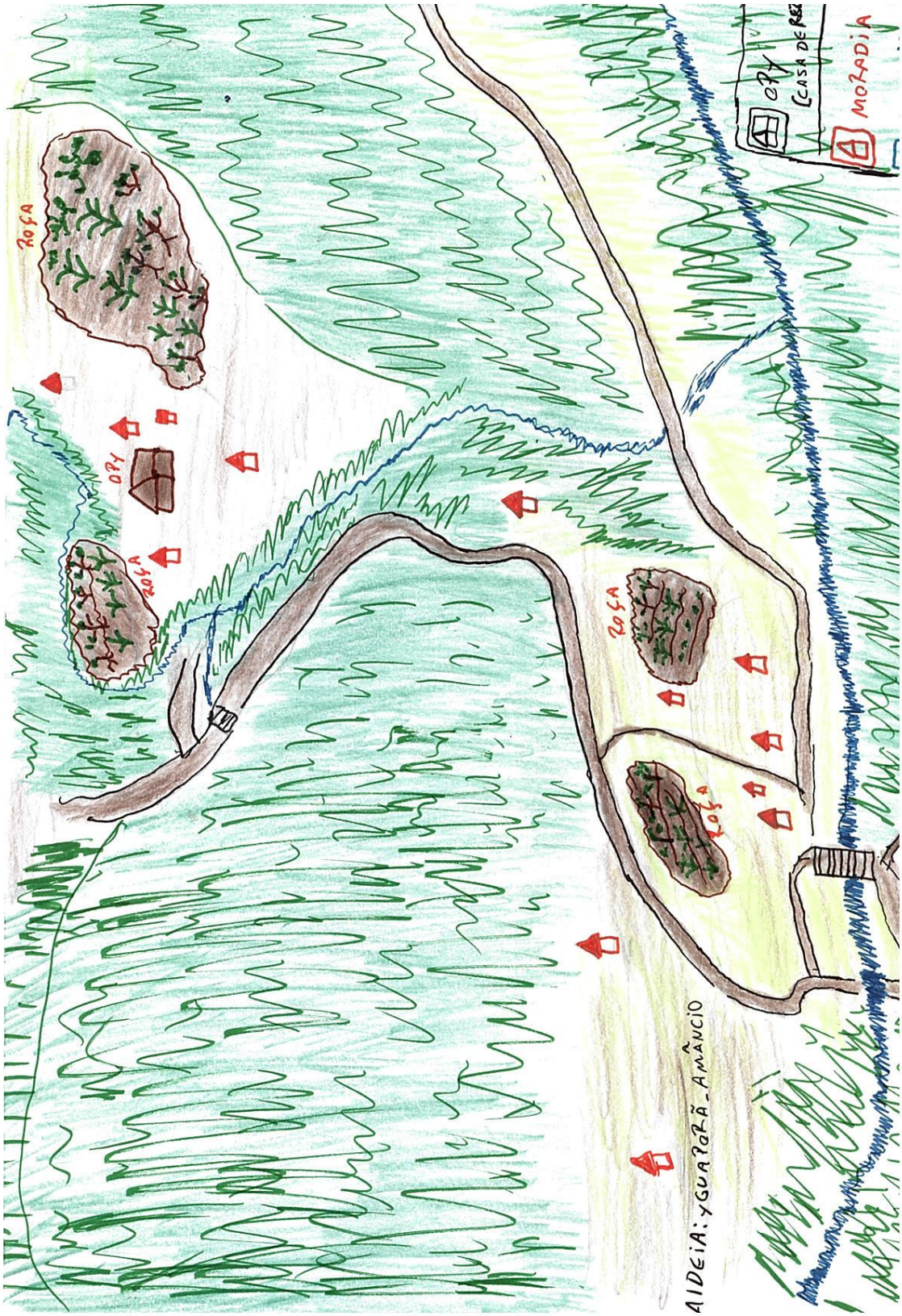

Figura 09 – Amâncio - Desenho da comunidade Yguá Porã. Autor: Ronaldo A.Barbosa, Biguaçu – 16/01/15.

A Aldeia Yguá Porã do Amâncio completa as aldeias que compõem este estudo. A Aldeia Yguá Porã está situada na estrada Sorocaba de Dentro, próxima a aldeia do Amaral, a 32 km de cidade de Biguaçu. Foi fundada em 2002 e agora está em fase de estudos para a demarcação da terra com uma área de aproximadamente 1.040 hectares e que pertence aos Guarani do litoral brasileiro. Tento em vista a grande diversidade da fauna de flora com várias nascentes das águas dentro da aldeia e uma grande cachoeira no verão os Guarani e não índios vão para se refrescar.

Atualmente, a referida comunidade possui 09 (nove) famílias situadas, vivendo do plantio, caça, pesca, artesanato, entre outros afazeres. Na aldeia não tem escola e os alunos vão a pé estudar na aldeia do Amaral. Não possuem casa de alvenaria, somente um banheiro de alvenaria. As casas são de tábua e outras são tradicionais de barro e chão batido.

Na sequência vemos a localização das três comunidades Guarani através do mapa via Imagem de Satélite.

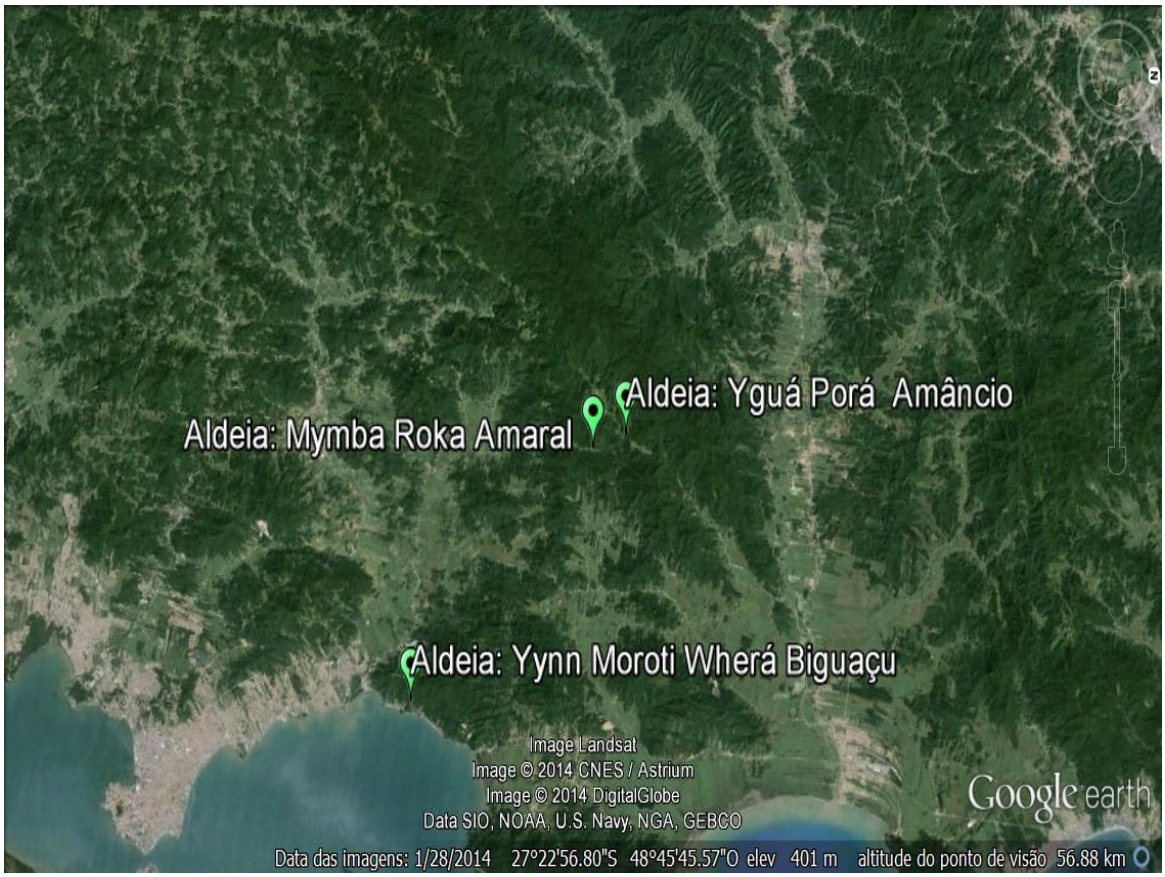

Figura 10 – Imagem de Satélite: Mapa panorâmico das **Três Terras Indígenas** – Imagem Google Earth, 28/01/2014.

1.5 A Agricultura Tradicional Guarani

A Agricultura tradicional Guarani está ligada ao mundo espiritual, porque quando o Guarani pratica a agricultura ele está em harmonia com a natureza.

A agricultura atual hoje é um pouco diferente da agricultura de antigamente em muitas aldeias por influências de fora e muitas vezes por não conhecer ou não ter uma terra adequada para o cultivo, e quando tem uma terra boa na maioria das vezes planta para a comercialização. Assim, o Guarani está sendo afetado por um pensamento não indígena que de vender coisa que antigamente não existia.

Nos dias atuais a agricultura tradicional Guarani é como se fosse uma agricultura orgânica ou biológica dos não indígenas porque não se usa nenhum tipo de adubo químico ou qualquer insumo nas roças, porque a agricultura orgânica dita em alguns livros ou falada por algumas pessoas é sistema que já era utilizado pelos nativos que foi adaptado pelo não indígena e muitas vezes aperfeiçoadas de um modo geral.

As práticas de cultivo do solo eram todas feitas manualmente, tendo por base o sistema de "coivaras" ou rotação de terras, herança deixada pelos nossos antepassados indígenas, antes da chegada dos europeus. O sistema de "coivara" consistia na derrubada da floresta, espera para deixar secar, queima e posterior plantio das culturas. "Lembro como era, aquilo era tudo abaixo de foice, enxada e machado(...)se fazia umas roças grandes onde era plantado o milho. Era queimado e depois plantado de enxada (...) pé por pé!".[6]

Nas comunidades indígenas onde tem pessoas de fora, 'não índio' interessadas em manter o ambiente livre de qualquer composição química que possa ser prejudicial às pessoas, ele leva conhecimentos bons que não afetaram futuramente aquela aldeia e ajude nos dias atuais. Hoje em dia nas aldeias também é fácil observar que só os mais velhos ou algum membro de sua família faz uma roça, porque outros estão estudando ou estão trabalhando fora da aldeia para ganhar dinheiro e comprar outras coisas. Muitas vezes os projetos que são feitos pelos não índios são feitos sem o consentimento da comunidade indígena e trazem pronto para implantar sabendo que o nosso sistema é diferenciado.

Atualmente as pessoas das comunidades adaptaram muitas ferramentas dos não índios, que auxiliam na preparação do solo e no manejo, coisas que antigamente não existia e não era

---

[6] MÜLLER, J. M.; LOVATO, P. E.; MUSSOI, E. M. **Do Tradicional ao Agroecológico: as veredas das transições(o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC**. (Fala de um agricultor, *51 anos)* S/d. p.103.

tão necessário porque vivíamos bem com o que a natureza nos oferecia. Temos que saber usar porque senão isso prejudica de alguma maneira o nosso cultivo.

Para os Guaranis nos dias atuais podem praticar seus rituais com os alimentos tradicionais produzidos na aldeia é de grande valor porque isso afeta diretamente seu lado pessoal e espiritual, porque ele não planta apenas por plantar, pois existe toda uma crença. Sendo assim, ele vem mantendo sua tradição de geração em geração. Temos várias aldeias que mantêm as sementes tradicionais, nem todas as sementes mais têm, porque no passar do tempo elas foram se perdendo, mas esse pouco é o que costumamos cuidar com muito amor para passar para as futuras gerações.

Podemos dizer que a agricultura hoje está mais evoluída não ficou parada no tempo, devido às mudanças que vem ocorrendo no passar do tempo, mas não deixou de existir e nunca deixará, não temos maquinários pesado, não temos irrigação na plantação e nem usamos o cultivo convencional, não se faz uso de produtos químicos seja ele para controlar pragas e doenças ou para auxiliar no crescimento das plantas. Usamos apenas o necessário enxada, foice, facão, machado, *saraqua* (máquina para plantar as sementes) e praticamos a queimada, tendo em vista que o plantio hoje é em pequena escala em volta de casa e alguns casos onde tem áreas maiores que possam fazer um plantio comunitário aí a roça se torna maior, mas em todo caso uma roça familiar. Nosso calendário é diferente dos calendários dos *'djurua kuery'* não índio. Atualmente praticamos o *Nhemongarai* com as sementes tradicionais que temos na aldeia, é um ritual que vem sendo passado de geração em geração há milhares de anos. Para os Mbya, segundo Ladeira,

> A agricultura exprime possibilidades de realização tais como: organização interna, reciprocidade e trocas de sementes e espécies, entre outros. A agricultura, também, abrange a organização social, princípios éticos e simbólicos baseados mais na renovação dos ciclos do que na quantidade e disponibilidade de alimento para consumo. Assim, os Mbya não vivem da agricultura, mas não vivem sem ela.[7]

A seguir estão algumas fotos que demonstram um pouco das plantações e agricultura realizada hoje pelos Guarani em suas lavouras.

---

[7] LADEIRA, Maria Inês. 2003, APUD: DE GEORGE, Iozodara Telma Branco. **Conhecimentos(Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná.** Curitiba,2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Em Matemática da UFPR.p.49.

Figura 11: Plantio de Amendoim, batata-doce e Aipim Foto da lavoura de Aldo Gonçalves, na Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, Autor: Ronaldo A. Barbosa, 29/11/14.

Figura 12: Plantio de amendoim, batata-doce e aipim – Foto da lavoura de Alcindo Wherá Tupã Moreira, Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu. Autor: Ronaldo A. Barbosa, 01/11/14.

Figura 13: Plantio de Milho, Abobora, Bata doce - Foto da lavoura de Lurdes Moreira, Aldeia Mymba Roka, Sorocaba de Dentro, M'Biguaçu. Autor: Ronaldo Barbosa, 01/11/14.

Figura 14: Plantação de Milho, Feijão de corda, Batata-doce Foto da lavoura de Nadir M. Amorim. Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, Autor: Ronaldo Barbosa, 29/11/14.

II CAPÍTULO

2. Agricultura e o mundo espiritual Guarani

2.1 Nhemongarai – Ritual sagrado das sementes

A cerimônia acontece na colheita do milho e coleta de outros alimentos, mel (Ei) e erva mate (ka'a). Esses alimentos são todos levados para a opy (casa de reza) para serem consagrados.

Sem o milho tradicional e os demais alimentos não haveria as cerimonias para o Nhemongarai (consagração e batismo), que envolve as pessoas da comunidade e também de outras aldeias que trazem seus alimentos para consagrar com os demais.

O Nhemogarai consiste em fazer uma consagração dos alimentos e das sementes antes de plantar e após na colheita, em muitos casos também são batizadas as crianças que ainda não tem o seu nome em Guarani. Sendo assim é realizado um grande cerimonial, para o qual, cada pessoa leva seu alimento ou sementes.

Segundo Darella,

> Milho e ritual de nominação (ñemongarai) estão imbricados. A festa do milho ocorre costumeiramente entre janeiro-fevereiro, ara pyau (tempo novo), ritual no qual as crianças recebem seus nomes-alma através dos xamãs, são reafirmados os nomes-alma dos jovens e adultos e ocorre a renovação da pessoa. Essa conexão cosmológico-social, relação divina de pessoa faz Francisco Timóteo Kirimaco expressar que todo ano "vira gurizinho de novo", denotando surpreendente vigor, apesar da idade.[8]

Esta afirmação é confirmada pelas pessoas mais velhas da comunidade e que praticam o cultivo do milho e o nhemongaray. Segundo a "tchedjary'i" Alicia Ortega, com 88 anos, da aldeia Mymba Roka,

> Idjapedjupa'i ramo nha motchãi aguã nhamogaraiuka aguã revema nhamboi dja'e, opy dju nhamogaraiuka aguãreve idjapedju'ive nhamboi dja'e, va'ekue ymavitavy, ymã nhande ypy kuery ha'erami nhande ypyrai'i va'ekue, aỹtu ndadjaikuavei, mbya djipoveiavi djurua memeia'etu ikuai paveẽ.

---

[8] DARELLA, Maria Dorothea Post. **Ore Roipota Yvy Porã "Nós Queremos Terra Boa" Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina Brasil.** Tese de Doutorado programa de estudos Pós-Graduação em ciência sociais PUC/SP, 2004. p. 100.

> Quando a espiga estava madura e pronta para amarrar era tirado para consagrar e levado direto para a opy (casa de reza) para se batizado por isso era tirado o milho duro, nós tirávamos, mas antigamente, nossos antepassados também eram assim, hoje já não sabemos mais, já não tem mais Guarani, somos todos brancos. (Alicia Ortega).[9]

Igualmente a "tchedjary'i" Rosa Rodrigues, 75 anos, da aldeia Yguá Porá, também fala a respeito do processo de plantio, colheita e rituais do milho:

> Ronhoty oiko porã aguã ma petcha, avatchi ete'i mbya avatchiko nhambodjeroviava'e nhaderu kuery nharomaedua oiko porã aguã, aerami ronhoty tavy koera ronhoty tavy romoatatchiuka upe mbudjapei rami opy, a'e rami ae mba'eve ndojavykyi vitcho vitchoi ndodjavykyi oiko porã aguã, haegui haĩ ramo há'erami vae haĩ mbairamo mbytaidju rodjapo opy redju romoatatchin ukadju, há'erami vireidju yma orekuai karambo'e, tchandjau ha'erami tchandjau omoatatchiaviae dja'u aguã, há'eramo oiko porã riae, tchandjau oikovi aetu mbya tchandjau tchandjau etei, aỹkatu ndoikovei,
> Quando nós plantávamos para nascer bem era assim, milho verdadeiro ou milho Guarani, se nos acreditarmos em nhanderu "nosso pai" rezamos para que ele faça vim e crescer bem, era bem assim se amanhã nós fossemos plantar, fumas siávamos igual o mbudjapé (bolo feito na cinza) na opy, era assim que nem um bichinho extraviava, e crescia bem, e quando tinha semente fazia o mesmo, quando estava maduro fazia pamonha e leva na opy para fumasse-a, éramos assim naquela época, melancia também melancia fumaceava-se para comer, e assim nascia bem, tinha melancia Guarani, melancia verdadeira, agora não já não tem mais.[10]

É como escreveu Egon Schaden: é a "religião do milho", pois para os Guarani o plantio do milho vai além da produção para a subsistência do grupo, é sagrado. Está associado às cerimônias religiosas e ao sobrenatural.[11]

2.2. O Ritual na *Opy* – Casa de reza e a relação com a cosmologia Guarani

Hoje em dia o *nhemongarai* é um pouco diferente, porque vem sofrendo algumas mudanças no decorrer do tempo, e porque muitas vezes também, não temos uma boa colheita, pelas mudanças do clima e por falta de uma terra boa para plantio e da nossa mata onde tirávamos outros alimentos para consagrar no batismo. Ainda temos o problema de algumas perdas de sementes tradicionais que já não se encontram mais como antigamente, quando se encontravam as sementes com mais facilidade. Mas, fora as dificuldades encontradas e o que é feito delas, o propósito é o mesmo de nossos ancestrais.

---

[9] ORTEGA, Alícia. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 07/09/2014.
[10] RODRIGUES, Rosa. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 30/08/2014.
[11] SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962, p. 50.

O *nhemongarai* é feito para agradecer o plantio as sementes que foram colhidas, não são apenas para se alimentar e sim agradecer pela sua existência e para que nunca falte, que possa ser mostrada as futuras gerações e para o fortalecimento de nosso corpo e espírito e para a renovação da vida. Hoje em dia o *nhemongarai* também é uma forma de troca de sementes com outras aldeias onde algumas das sementes verdadeiras já se perderam no mês de janeiro, quando é feita a colheita. Inicia-se os preparativos para levar os alimentos para a opy (casa de reza). Cada família faz seu mbytá[12] para levar, a espiga de milho, entre outros alimentos tradicionais. Hoje em dia o *nhemongarai* é realizado em muitas comunidades Guarani de acordo como eles foram instruídos para fazer esse ritual de diferentes formas, porém com o mesmo propósito.

O milho Guarani dependendo da sua variedade pode levar de três, quatro ou cinco meses para ser colhido, certo que na grande maioria das variedades, que mais plantamos, é de quatro meses.

Convém explicar um pouco as diferentes variedades/espécies de milho cultivado pelos Guarani. O avatchi mirim (milho rasteiro), chamado também de milho pipoca, pelo tamnho da planta, medindo aproximadamente 50 cm do solo. Esse milho é mais rápido de produzir, em três meses já é possível colher. Outra espécie é o avatchi mintã (milho anão), planta pequena, com espiga pequena que leva quatro meses para ser colhido, ele tem as espigas em cor amarela. Há também o avatchi pará (milho colorido com grãos), um pouco maior que os demais, tamanho médio, comparado ao milho produzido pelos djuruá kueri. Esse milho leva cinco meses para ser colhido. É desse milho que se separa a semente conforme a cor para plantar e produzir o milho com espiga de grão vermelho/roxo, grão preto (azulado), de grão branco; de grão amarelo e por fim o grão pintado que é o da espiga com todos essas cores misturadas na mesma espiga.

O karai (líder espiritual) é o grande responsável pela condução do *nhemongarai* porque é ele quem vai passar o nome para as crianças que já estão prontas para receber seus nomes em Guarani, para fortalecimento de seus espíritos aqui na terra, por isso a importância de um karai e o privilegio de quem tem um na comunidade. Sem o Karai não receberíamos os conhecimentos que nosso ancestrais nos deixaram, sabendo retribuir ao Nhanderu, com a reza usando o Petyngua (Cachimbo Sagrado) um dos instrumentos sagrados para se expressar com Nhanderu.

---

[12] Mbyta é um bolo de milho, cozido na cinza, conhecido também como pamonha.

O uso do petyngua é essencial nos rituais Guarani, além disso, não se esquecendo do fumo de corda, outro item que faz parte da cultura. O Guarani não costuma plantar fumo porque o próprio Nhanderu nos fornece, e esse fumo não vem com veneno é um fumo natural, sem agrotóxicos. Os mais velhos têm o costume de mascar o fumo em seu cotidiano, além de fumar no petyngua. Nos dias atuais muitas pessoas já preferem o fumo industrializado que vem picado e outros ainda usam o fumo de corda muitas vezes produzido em sua casa.

Fases de Plantio: Djatchy onhepytu no calendário do (djurua kuery) não índios - lua nova.

Estações do ano Guarani:

Ara ymã: Ano velho

Yro'ya: inverno

Ara pyau: Ano novo

Kuaray aku: verão

Na sequência vemos a representação do calendário a partir da visão Guarani

FIGURA 15 – Calendário Guarani do Teodoro Fonte: Raquel Marschner. IN: DE GEORGE, Iozodara Telma Branca. **Conhecimentos (Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná.** Curitiba,2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Em Matemática da UFPR. p.165.

Antigamente, segundo seu Alcindo, os alimentos plantados eram consumidos juntos com a caça, não se passava fome, tinha mata para caçar e terra para plantar, não tinha limite como nos dias atuais. Ele fala que tinha dificuldades porque ele usava uma pedra afiada ou madeira afiada para roçar e em outros afazeres, por isso procuravam local onde tivesse menos madeiras grandes e sim capoeiras ou taquarais onde ele derrubava e depois queimava. Plantava semente por semente, com uma madeira com ponta que ele usava para fazer as covas, depois na colheita ele usava pedra afiada para arrancar a batata-doce. Não tinha enxada e eles arrancavam os matinhos com as mãos, a terra não era dura como hoje era bem fofa.

Na colheita quando o milho estava duro, muitas vezes nem esperava ficar duro, para semente era colhido e amarrado em cima do fogo, para não se estragar e iria ser plantado em fevereiro para a safrinha, ou seja, só para semente, e depois ser plantado em alguns desses meses: agosto, setembro, outubro, novembro, que é o período de plantio. Levantavam cedo

para trabalhar na roça antes do sol nascer e quando o sol estava muito quente quase meio dia retornavam para sua casa, depois quando estava mais refrescante eles retornavam para a roça. Hoje o clima mudou quando é nove ou dez horas da manhã já temos que voltar porque é quente demais devido a mudança do clima no decorrer dos anos.

Segundo dona Rosa Rodrigues, antigamente as sementes eram guardadas em cabaças ou porongos e não eram vendidas ou trocadas, mas sim quando eles iam visitar uma outra família levavam as sementes para saber reconhece-las e por ser bem recebidas. Ela também diz que não era usado nem um tipo de adubo químico na plantação. Ela fala que por causa disso as sementes tradicionais também se perderam pelo uso desses adubos químicos.

Segundo seu Alcindo e dona Alicia já não existe *mbya etei* (Guarani verdadeiro). Hoje a grande parte dos Guarani vive como branco, isso quer dizer que já não podemos viver como antigamente, sem o contato, aí vamos adaptando algumas coisas de fora, por isso eles dizem que somos todos brancos porque eles viveram numa época diferente da nossa, sem influencia dos não índios, depois do contato perdemos muitas coisas, mas estamos lutando para manter viva a essência desses guardiões dos conhecimentos ancestrais.

Pelo relato dos entrevistados, o que se plantava mais era milho verdadeiro Guarani, batata doce, amendoim verdadeiro Guarani, melancia verdadeira Guarani, feijão de corda, cana, caninha conhecida como sorgo, aipim e abóbora.

Atualmente são plantados nessas aldeias: milho, aipim, amendoim, abóbora, batata doce, feijão, cana e caninha conhecida, melancia e melão todos tradicionais.

Grande parte das sementes é tradicional, mas também plantam sementes crioulas, milho híbrido para alimentas os animais, além disso, plantam feijão preto.

III CAPÍTULO

3. Agricultura e manutenção da cultura Guarani

3.1 Os desafios para a manutenção da cultura

De alguma maneira hoje devemos controlar o que vem de fora para não afetar diretamente a nossa produção, a nossa cultura. Começando com um diálogo entre a comunidade e as pessoas que trabalham com os indígenas na área da agricultura, por exemplo a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural/EPAGRI, que proporciona um olhar diferente, e não comparando com agricultores não indígenas. Sabendo que o Guarani preserva seu modo de ser e sua forma de cultivo tradicional, que vem se adequando e apropriando conforme algumas ferramentas que vem surgindo no passar do tempo, que isso não o prejudique futuramente.

Buscando novas possibilidades de cultivos que possam ser parecidas ou semelhantes aos dos Guaranis podendo ser adequar a ele. Para que isso aconteça é preciso buscar conhecimentos de fora de que seja favorável aos indígenas atendendo sua perspectiva. O maior desafio é encontrar pessoas dessa nova geração capacitadas e com disposição para isso tendo em vista que poucos se interessam em agricultura por ser um trabalho pesado e que muitas das vezes não trazem lucro nenhum para sua família, com uma visão capitalista que não pertence ao povo Guarani. Buscar trabalhar nas escolas indígenas sobre agricultura tradicional mostrando seus benefícios para a cultura com a presença de nossos anciões para continuar firme e forte porque o mundo Guarani está ligado sem divisões ou gavetas, aquelas criadas pelo *djurua kuery*. Também devemos preservar nossas sementes tradicionais não deixando misturar com sementes dos *djurua kuery,* por não ter esse cuidado muitas estão se perdendo.

Sabemos que existem várias sementes que são transgênicas, sementes geneticamente modificas em laboratórios para resistir às pragas e doenças que também podem causar sérios danos a nossa semente tradicional e a saúde da comunidade caso ela seja trazida para as nossas roças.

3.2 Agricultura – um bem sagrado para o Guarani

Hoje nosso grande desafio para manter a cultura começa na opy (casa de reza) nossa primeira escola, ali onde começa nosso primeiro ensinamento das atividades que devemos desenvolver no decorrer de nossas vidas. Depois é fazer com que o conhecimento de fora não afete diretamente os conhecimentos Guarani, para não trocar suas práticas tradicionais pelas do não índio, mas sim saber usar em seu beneficio. Questão do entendimento da nossa cultura tendo em vista que muitos adolescentes tem a dificuldade de entender os mais velhos, sabedora dos anciões também vem se desenvolvendo no decorrer do tempo para poder se comunicar com os mais novos numa linguagem que possam entender.

As mudanças dos nossos dia a dia com as tecnologias sendo cada vez mais utilizada dentro da aldeia entre outras coisas, o desafio maior manter a cultura dentro da nossa própria cultura hoje, hoje nos temos que cuidar a integração com os *djurua kuery* não indígena ele tem que se adaptar com a sociedade de fora, mas de um modo sábio para não se perder, mesmo tudo isso acontecendo nos dia atuai a língua as crenças ainda se matem, o Guarani é um estrategista ele consegue se livrar de qualquer coisa que possa afetar sua cultura, hoje em dia nos temos que viver meio a meio com os conhecimentos da sociedade não indígena.

Hoje nosso desafio é de ter os anciões dentro da aldeia e da nossa cultura, para manter o sustento da comunidade, temos um desafio para-nos mesmo para deparar com as armadilhas no mundo do não índio.

Por fim, resolvi colocar alguns depoimentos das pessoas que entrevistei a respeito das expectativas futuras em relação a comunidade e ao tema proposto aqui.

> Yvy itui ymaeteverei, yvy itui ymã maramimã ndovyaporave'i ramo, oreyvy ymã ndoikotchevei merami, anhi'ete nhanhoty tcheĩ komba'e hayĩ'i nhamopoã tcheĩ djadjerue eteveidjevyramo opuã porã'idjumava'erãrima.
> A nossa terra existe há bastante tempo, não esta mais feliz como antigamente, a nossa terra antiga já não quer mais viver parece, agora se a gente quer plantar de verdade as sementes pedimos ao nosso criador e ele vai fazer vim bem novamente.[13]

A preocupação do Karaí Wherá Tupã está relacionada inicialmente aos vícios que acometem os indígenas nas aldeias.

> Ndadjaikuapotavei haỹ, aiporamigua'i voi ma mava'einda'u pedu va'erã idjayvu vamoĩ ragua'i ikatcho ague oapytchare oguereko va'ekue pedevy aguã rame aguepy, etavy oy'u apy.

[13] ORTEGA, Alícia. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Mymba Roka, Biguaçu, SC, em 30/08/2014.

> Nem queremos mais saber agora, isso aqui quem vai poder falar para vocês escutarem a conversar dos avós que tenham guardado em seus ouvidos, podem passar para vocês, mais só querem saber de festar e beber como os não índios.[14]

Na sequência o Karaí nos ensina como faziam para realizar as plantações:

> Onhoty'i aguakatu ay omogarai py, onhoty'i aguãvi omboy yary py pavei ete'i, avatchi a'erami, nonhoty rivei omongarai opyipy va'ekuema oeno'emavy ogueratavy yvypyma vy ogueroporai omonhedui aekuerype odjerure otche poraĩ aguã pave tchandjau, tcho yary rykueipe ma tavy.
>
> Para plantar era feito a o benzimento ou consagração. Todas as sementes eram molhadas no chá de cedro, não eram simplesmente plantas eram consagradas na opy e quando eram tiradas desse chá e levadas para o plantio eram realizados cantos pedindo para o grande ser criador olhar todas as sementes para vingarem bem melancia, só que molhavam no chá de cedro.[15]

Consta nos anexos as fotos tiradas durante todo o processo da pesquisa, assim como as entrevistas realizadas com as pessoas citadas neste trabalho em Língua Guarani.

---

[14] WHERÁTUPÃ, Alcindo Moreira. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Yyynn Morti Wherá, Biguaçu, SC, em 27/10/2014.

[15] WHERÁ TUPÃ, Alcindo Moreira. **Entrevista concedida a Ronaldo Barbosa**. Aldeia Yyynn Morti Wherá, Biguaçu, SC, em 27/10/2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento dos dados de agricultura Guarani servirá de material didático ou uma pesquisa escrita para as futuras gerações de nossa aldeia e as demais aldeias. Também para que outras pessoas não indígenas possam ter um pouco desse conhecimento dos Guarani, contribuindo para que os nossos conhecimentos nunca se apaguem e estejam registrados no papel e também viva na oralidade, dessa forma está sendo plantada uma semente onde futuramente vamos poder colher bons frutos, ou seja, nossos jovens se espelharam em nossas pesquisas para poderem fazer outro muito melhor.

De alguma maneira esse trabalho vai fazer com que as pessoas possam nos olhar de maneira diferente sem aquele preconceito de muita terra pra pouco índio e ver que nós indígenas temos a nossa cultura, o modo de ser e de viver dentro das aldeias mesmo estando e vivendo perto das cidades que o indígena muitas vezes está em uma área que não é apropriada para o plantio e para sua subsistência.

Que dessa forma este trabalho proporcione outros estudos que de alguma maneira poderá contribuir para as comunidades que não tenham seu território demarcado e apropriado para poder praticar sua cultura consigam garantir futuramente. Da mesma maneira possamos fortalecer nossos costumes e mostrar que ele permanece vivo dentro de cada um de nós Guarani.

REFERÊNCIAS

DARELLA, Maria Dorothea Post. **Ore Roipota Yvy Porã "Nós Queremos Terra Boa" Territorialização Guarani no Litoral de Santa Catarina Brasil**.SP:2004.Tese de Doutorado programa de estudos Pós-Graduação em ciência sociais PUC/SP.

DE GEORGE, Iozodara Telma Branca. **Conhecimentos (Etno) matemáticos de professores Guarani do Paraná.** Curitiba,2011. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação e Em Matemática da UFPR.

IEPE. **Alguns conhecimentos sobre agricultura.** Programa Wajãpi: IEPE, 2007.

LADEIRA, Maria Inês; FELIPIM, Adriana. **Teko Mbaraetera – fortalecendo nosso verdadeiro modo de ser.** Centro de Trabalho Indigenista/ União Européia: Horizont 3000, 2005.

MDA/ Ministério de Desenvolvimento Agrário. **Documento em defesa da agrobiodiversidade Guarani.** Associação Rondon Brasil, 2007.

MEDEIROS, Jean Carlos de Andrade; DARELLA, Maria Dorothea Post. *Manejo e Conservação da Agrobiodiversidade pelos índios Guarani mbyá*. In: BOEF, Walter Simon de… [et al.]: Tradução de Juliana Vitória Bittencourt e Gustavo Rinaldi Althoff; Maria José Guazzelli e Andréa Lúcia Paiva Padrão (org). **Biodiversidade e agricultores: fortalecendo o manejo comunitário.** Porto Alegre/ RS: L&PM, 2007. Pp.252-261.

MÜLLER, J. M.; LOVATO, P. E.; MUSSOI, E. M. **Do Tradicional ao Agroecológico: as veredas das transições (o caso dos agricultores familiares de Santa Rosa de Lima/SC**. Fala de um agricultor, *51 anos)* S/d. p.103.

ROSA, Helena Alpini Rosa. **A Trajetória histórica da presença da escola na comunidade Guarani de Massiambu, Palhoça/SC: um campo de possibilidades.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC / Florianópolis/ SC: 2009.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

ANEXOS

ANEXO 01

ENTREVISTA COM ROSA RODRIGUES (Em Guarani)

Com a colaboração de Nadir Moreira Amorim

Nome: Rosa Rodrigues

Nome Guarani: Pará Yvá

Idade: 75 anos

Nome: Nadir Moreira Amorim

Idade: 58 anos

Local da entrevista: Casa da Adriana Moreira em M'Biguaçu

Dia 30 de Agosto, de 2014, às 9:00 horas

Eu: Aporandu aguã a'etu adju, maety regua mba'e tchatu nhaneramoi kuery ymã omaety okuapy, aỹguáma aboa'e irami omaety?

ROSA: hayma amobeuta reikua tcheramo ymã nhade kuery oiko ypy ypyve, nhande ypy kuery, ymã roiko djave djave ma petcha julho, agosto, setembro e outubro dja'earami onhoty ma okuapy, ronhoty oiko porã aguã ma petcha, avatchi ete'i mbya avatchiko nhambodjeroviava'e nhaderu kuery nharomaedua oiko porã aguã, aerami ronhoty tavy koera ronhoty tavy romoatatchiuka upe mbudjapei rami opy, a'e rami ae mba'eve ndojavykyi vitcho vitchoi ndodjavykyi oiko porã aguã, haegui haĩ ramo há'erami vae haĩ mbairamo mbytaidju rodjapo opy redju romoatatchin ukadju, há'erami vireidju yma orekuai karambo'e, tchandjau há'erami tchandjau omoatatchiaviae dja'u aguã, há'eramo oiko porã riae, tchandjau oikovi aetu mbya tchandjau tchandjau etei, aykatu ndoikovei, avatchi há'erami irundy regua, mboapy regua oiko, avatchi ponhyĩ **(nadir: avatchi mirim pe avatchi ponhyi pe he'ia)** yvygui guive guive'i ary porã,ha'e renguatu três mês py nha nhoty aguepy ma dja'u, ha'egui oiko va'e avatchi mintã he'i va'e, há'e vyma yvate veima há'ema quatro mês, oikovi cinco mês há'emavy yvate va'e mboapy regua py oiko. Aỹtu ndaipovei okanhymbatu avatchĩ voi tchandjau avi. **(nadir: komanda yma ramo nha nekomandai mavaetu rakae?)** ha'eko komanda embo'i va'e, embo puku'i va'ema komanda tcha'ĩ, komanda rope puku ha'e nha nemba'e'i **(nadir: ha'e va'e peteĩ regua'i terã mokoi regua)** peteĩ, mokoĩ reguatu ae oiko **(nadir: ha'evyma ndadjaetchavei)** ndadjaetchavei va'e, Djety ha'erami vae **(nadir: djety mbya djety'i djareko va'ekue teĩ ayma ndadjarekovei)** tche'e ndaetchavei mbya djety aỹ, **(nadir: ndadjaetchavei ete.ha'e ramo yma ramo mbaetchatu onhenhoty, foice ramingua odjeporu, mbaetchakatu odjererotcha?)** ymako macete odjounhokuapy, Paraguai kuerygui, aramiguai py okopi'i, pero yma ndadjai ete'i vaetu, nhanhoty, djapypairamo ha'eramo ndadjai nhanhoty.**(nadir: há'eramo kovae muã ramigua migua nomoiai**

raka'e?) anyĩ muã ramigua nomoĩaetu, **(nadir: ayma oikotcheramo nhamoiramo djurua muã kuery adubo ramingua)** há'erami kautcha guive okanhymba nhande avatchi mbya ete avatchi.

Eu: avakue anhoinha onhoty terã kunhague guive onhoty? **Rosa**:Kunhague guive avakue onhoty okopi macete oguereko ae, macete rivetavy,facão djaea, ha'e vaepy okopi, oity yvyra atcha oguereko vae yma guive, aerami onhoty avakue kunhague ndjoapypa petcha omaety há'erami **(nadir: ayma ndjipoveima anheteramo onhotyi rive ramo ikuai)** aerami.

Eu: petcha onhenhoty ve ramo avatchi, djety, tchandjau há'egui komanda avi terã manduvi ramiguavi? Manduvi mbya mba'e ete'i ramo oikovi va'e.

Eu: há'egui petcha onhoty ava nha djatchy pyau? Djatchy onhepytu djave.

Eu: opamba'e nha nhoty aguã? Opamba'e ,djatchy onhepytu djave tchandjau...

Eu: petcha pekambia va'e avatchi rayĩ, komanda ramigua **(nadir: nhamoekovia djurua kueryma nhavende ia djareko djaearamo terã nhadedjeupe ra'ĩ?)** Rosa:ymako novendei ae ,oredjeupe ra'ĩ aguã, nhande djeupe ra'ĩ aepy yma.

Eu: aỹ nhaneretarã ovaeramopetcha odjerure ramo, terã okambia aguã ha'erami pedjapova'e avi yma terã anyĩ, Rosa: anyĩ aetu.

Eu: aỹ reinhia petcha amongue omongarai oĩ ramo, amboa'e tekoa gui ouramo avatchi ogueru avi, komanda ogueru petcha okambia aguã.**(nadir: nhanekyri'i djave nhame'e rive'i aepy, nanhakabiai aetu nhame'e rive'i.)**

Rosa: Ymako novendei nokambiai ave pero odjopou tekoa mboaepy oetchakua'avy ome'e há'erami tenko, yma ovende va'e'ỹ **(nadir: ha'erami ramo oiko pora'ĩ.)** ee ha'erami.

Eu: dificuldade regua ay reinhia nhande yvy djurua kuery odemarcar gua'u, ay nhamaety aguã petcha hatchy rei amoguepy, ymatu ha'erami eỹdju, omaety tche apy aeverei'i.

Rosa: ymako ha'erami eỹ ae, mbya kuery voipy omaety agua'ĩ py imaendu'a **(nadir: ha'eteve)** ha'eramipy omaety aguã ovaeta ramo vé, okopi pota há'epy okuapy ymã **(nadir: ha'erami aetu anhete, nĩdatchykuei ha'erami yma guare guare'i)**, ayntu nĩaerami guãrama nopensa vei avakue'i voi **(nadir: etcharai pama eama)** etcharai pama eteavi.

(nadir: nuga onhenhoty intcharapy eỹdju py karamboae, Yvyra rakuapy ha'erami aepy) Yvyra rakuapy aepy onhoty.

Eu: mba'etchaguatu ay pevei nha oikovy, nhaneramoĩ kuery oedja va'ekuenhia maenty ndjaiporu, ay py amboa'eirami, djurua kuerygui reko djaiporu ha'egui há'e kuery avatchi guive nha nhoty, ha'evyma oivae petcha família'i nhaneramoĩ kuery ombo'earami petcha odjapo omaenty avatchi ete'i ,djety, mandio guive, maduvi aỹ peve nha oikoteri, terã anỹ amboaeirami.

Rosa: djura kuerey pa ha'erami, mbya kuery ma amogueiko aỹ, amogue'i aetu dja ndaipovei aetu aygui. **(nadir: ymã guare guare'i teri dja kopiteri nhandengua'u)**, ndaipo eteveima aetavy,

Eu; ay peve nhambodjerovia pe avatchi rayĩ, ha'e okanhy mbaetchakatu?

Rosa: ay peve dja'e, okanhy ramo, ndjadjetchavai ndja opama ha'erami,**(nadir: anhete povae, h'ekuery oikuapy),** nhanderu kuery ogueru va'ekue aepy avatchi'i ha'erengua, nhanhoty va'erã era'ĩ mbya kuery, oedja vaekue'i apy djareko vaekue ymã **(nadir: nhaderetcharai pama dja ogueraa pa'idju dja'e)** oguera'a padjuma ndjadjetchavaita ha'erami.

Eu: ha'eramo aetu petcha amogue onhoty kyrigue'i pe otchauka aguãinhia? **Rosa:** ee ha'e aguã kyrigueipe otchauka aguã **(nadir: nhe'e pyau'i kuerype otchauka aguã rima)**, kyrigue'i nha nhanhoty va'ekue'i reipe ovy'a ea ymãve tudja kueve,**(nadir: anhete aeko)**, gua'ỹ kuery ovy'a aguã omaety kuapy mbororu kuery he'i ymã**.(nadir: ayma mbororu kuery dja etcharaipa mborotchy dja etcharaipa, ovy'a tche'i teima okuapy, ha'ekuery omaety va'ekueiramo oetcha'i ramo kuapy ovy'a ha'eramo tenko, aiporami ha'e paiteĩ, tche arandu pere-pere)**.

Eu: mbya kueryma amboae'irami onhoty, petcha omaety aguã odjerure pai guau onhoty ey mbove, ha'egui onhotyarupi odjerure, **(nadir: ogueroporai, oguerodjerodjy dja'e).**

Rosa: ha'erami vyaetu onhoty aguã oo opyre omoatanchĩ, nhanderupe omobe'u iporã aguã oiko pora'ĩ aguã avatchi, tchandjau, djety aerengua onhotyarupi omobe'u dja'e nhaderupe.

Eu: mbaetchaguapytu omoĩ porã karamboae petcha onhoty va'ekue kue?

Rosa: hyakua'ipy aetu onhonha,**(nadir: nhane ankãtu hyakua'i ramiaetu)**, hyakua'iapy avatchi ray'ĩ onhonha, ha'erami eyntu oupi tata'ary ha'erami naitchĩvaaĩ'py, avatchirã oupitama voiva'e djatchy onhepytu djave va'e omboi.

Eu: aỹ ndja amboae pairamõ py! Rosa: amboaepa aetu ay, **(nadir: aỹ ndaevei ete veima anhete aetu).**

Eu: petcha a nhe interessa petcha djurua kuerype amobe'u aguã mbaetchakatu ymã mbya kuery onhoty kuapy, ay peve oikoiteri petcha oma'ety gua'u.(nadir: tudjakuevitavy ikuai'i).

Eu: comparação djadjapo avarami, ay yvy kyri'ive tenko, petcha yma guare kuery oguata, onhoty um ano dois anos três anos opyta, ha'erire oetchadjuma aetu.

Rosa: ha'erami aetu ymã raka'e, pero nhaderu kuery nhe'erupi tenko ha'erimi, nhaderu kuery, ha'epydju tereo emaety h'eramo tenko oo, oo virive va'eỹapy **(nadir: ha'eramo oatcha odje'oi, ndopytai dja'e)**. Eu: tchetu oo rivepy. Rosa: oo rive va'eỹ aetu ha'erami aetu, nhaderuko, kuerypy tereo ha'epydju ema'ety epyta ha'erami oo, ha'ekuepydju oo ha'erami tenko ndopytai, **(nadir: ha'eramipe ae ndopyta kuai)**, aykatu ndadjaikuaveimapy, nhanderu ayvu nanhaeduvei, **(nadir: nĩra'ykuei anheteramo),** tcho djaikotema, **(nadir: , festa rupirivema djaiko dja opama, djipoima),** ha'erami mamo dja'avy djavyata ha'eramia rivema**,(nadir: nĩ ko nhanembouarere nanha pensavei nanhanemaeduaveima dja opama ha'eramiguapy ma ate maety'i voi ma opaima vy oguera'a pama ndopaiteringa'u)**, ndopai ae oguera'a.

ANEXO 02

ENTREVISTA COM ALÍCIA ORTEGA (Em Guarani)

Com a colaboração de Nadir Moreira Amorim

Nome: Alicia Ortega

Nome Guarani: keretchu

Idade: 88 anos

Local da entrevista: Aldeia Mymba Roka, casa da senhora Alicia

Data: 07 de setembro de 2014, às 13:00.

Alicia:Tche ndatcheayvukuai mbyaipyaema. Eu: mbya ipy tei ha'eve.

Eu: ay aporanduta mbaetchagua-tchaguatu petcha ymave onhenhoty raka'e, petcha mbya kuery onhotyve raka'e?

Alicia: mbyakueiryko onhoty djetymatavy onhotyveva'e raka'e, djetyavi onhotyve'i mbya kueiry, ymave tcheramoĩ, nhaneramoĩ djypy ndaikuaveimapa ydjayvuague tchee, koo mbyte pydju, nhaneramoĩ djevy raykueiryma araykueidjevyma anhõimapy tcheaikuai'ioioĩ rimadja'e, avatchima mbya avatchima, paraguai ayvupy nhanaenoĩ avati eima Paraguai, ha'eramo nhande kuery avatchi dja'evi, mbae haĩ'i ymavegua'i, mbae hai'ĩ , avatchi nhaenoi'a pe mbae ha'ĩ, tche kokuei amopoaĩtama tche kokueipy, tche kokueima nhande djurua kuerymamorive rotcharo dja'e, tchekokue'i dja'eramo, tche kokue, **(nadir: poranĩa nhande ayvu etei)**, nhande ayvu ete'i mbya ayvu ete'i, kokuei dja'e nhane mbaetypy, mbaetyĩ dja'eavidja'e nhanhotyaipy, avatchi pekatu mba'e hai'ĩ **haviaevyteĩvy**, nhaenoĩ amboa'eirupi oenoĩaikatu, avatchi yvyi'ĩavikatu, avatchi yvyi'ĩma yvyĩve'ipe, ha'egui yvateve'i oikoiavi, ha'epema avatchi para'i he'i , avatchi para'i he'idju mbya ete'i avatchi para'i, iparapaidjudja'eva'e, avatchi yvyi'ĩ yvateve'ima iparaidjuvy, ha'ema mokoĩ ma amobe'u, ha'egui avatchi tchĩ mboapya'ĩ, eryma tche ndaikuavei avatchi tchipe.nhande kuery avatchi djaetemara'e, Djuruapairagaria'e. avatchi tchĩ ma ha'evyma yvatema yvateve reguadjuma ha'e. há'e opaima amobeu, ha'egui nhade kokue'ipy djaraa'i mbae haĩ'i nhanhotyiaguã he'i, nhande kokueipy mba'e rayĩ'i djara'i, nhanhoty heiaguã ogueraa'idjuma, Yvyra rakuapydjuma onhoty'ĩ, odjapoidju Yvyra omboakuapy'i ha'evypy onhoty'i avatchi, onhoty yvyĩ'i regua, avatchi para'i, Yvyra rakua'ipyma ymãveguai omaety raka'e, tchee anhotyĩnhokaramboa'e tche kunhataĩ djave Yvyra rakuapy avatchi anhotyĩ karamboa'e, aỹtu nanhotykuavei ha'vi, ha'evyma amobeuiavi.

Eu: Petcha ymãguania kunhague guivenĩa onhoty avakue'avi?

Alicia: E kunhagueikatu roma'etyvydja'e, kunhague'i oma'etyavi dja'e ha'egui avakue'i oma'ety'i havi Yvyra rakuapy, yryra raguapy tcheanhotyĩ karamboae tchekunhataĩdjave.

Eu: aỹ reĩnhia oĩ petcha onhenhoty aguã petcha djatchy onhepytu djavea'e nĩa ymagua enhenhotỹ raka'e?

Alicia: ee ymaguakatu onhepytu'i oãro avy , onhepytu'i djave nhanhotỹ nhamo'e mbypy'i mbae haĩ'i katu karamboa'e yma vegua, yma vegua mbytekue, ndadjaetchaveimapy ymavegua mbytekue houva'e Paraguai gui houvaekuei omanõ mbaidju va'erã porami idjayvu karãaendurã, tche kunhataĩ ndaikuapotaragai haikotamarive.

Eu: petcha oma'ety mba rire petcha idjapedjupamavy, (nadir: amanĩa omaetymba ha'egui edjaedjuparamo djatchy onhepyturĩdjuavi?)

Alicia: Ee onhepytui dja omotchamba'i, avatchiraĩ omotchaĩ omoapytaĩ, omoapytaĩ dja'edjuma ha'e avatchi onhemotchaĩape onhepytuipeavia'e omotchamba'i, ha'egui onhepytuĩ onhenhotyĩ aguãdjuma ha'e.

Eu: ha'egui petcha kokuerã odjapo aguã mbaetchatu ha'e ekuery oikuavy odjou aguã?

Alicia: mba'e ndjurua yma'i marandau oikoia'evi rakae há'epema, djurua ymãveiva'e, yvy oiko'i ypy djave, oiko'iva'e raka'e djurua ymãi ha'eguimatavy odjou raka'e tembiporu'i, tembiporuraĩ, tembiporu'i dja'edjuma aỹrevetu tche tembiporu macete vaikueipe, tembiporuia'etu ha'e, poitche vaikue'i oikovi, djurua ymaĩ ha'etu odjou'i raka'e dja'e, nhande ypyiavia'etu raka'e, nhande ypy'i ramo djurua yma'i brasilero'ete'i oiko'i nhanderamigua'i yporiaukuere'i, aguimatavy odjou'i raka'e, ha'egui ka'aguyrei ikuaidje, itagui marae atcharãi oguereko raka'e itagui guama he'a raka'e ha'e anhieteteverãdau, ha'e aedu pere-perevaitcha karamboa'e há'e vaekue'i nhoma tchee aikua'i. Opai ha'ema, mboapyi amobeu irundyi amobeu, idjapedjupa'i ramo nha motchãi aguã nhamogaraiuka aguãrevema nhamboi dja'e, opy dju nhamogaraiuka aguãreve idjapedju'ive nhamboi dja'e, va'ekue ymavitavy, ymã nhande ypy kuery ha'erami nhande ypyrai'i va'ekue, aỹtu ndadjaikuavei, mbya djipoveiavi djurua memeia'etu ikuai paveĩ.

Eu: ymã nĩa petcha avatchi rayĩ okambia'avi amboa'e kuery reve terã petcha oma'ety mba rire omoĩ porã, ha'egui ho'u aguã rive nĩa terã okambia aguã ha'ekuery oguerekoavi petcha amboa'ekueryreve?

Alicia: okambia va'erampa'ere anyĩ, nhogatupa'i moinỹ nhanemba'eirea'e nhahogatupa'idju imoinỹi.

Eu: mbaeretu ay okanhymbareiavy petcha mbya ete'i avatchi petcha okanỹ mba aetu?

Alicia: okanỹmba'ete ,djurua avatchi pema oenoĩ tupi (nadir: mba'ere okanỹ itenko, mbaeretu okanỹmba'i) mba'e, avatchi **(nadir: nhande avatchi ete'i)** aa yvy itui ymaeteverei , yvy itui ymã maramimã ndovyaporavei ramo, oreyvy ymã ndoikotchevei merami, anhiete nhanhoty tcheĩ komba'e hayĩ'i nhamopoã tcheĩ djadjerue eteveidjevyramo opuã porãidjumava'erãrima, nhaderu tupã raype aetu djadjerure ha'ema yvy'ire oiko va'ekue'i vypya'e, tupã ray'iko yvyre odjau'i pytãi va'ekue'idje djadjerure'i ha'epe iporã aguãi nhanembae'i nhanhoty va'ekue'i, yvy naiporave'i yvy ymã etereivyma ndovyaporaveima dja'e, nhanderu kueryma yvy potyrã nhaderu ayvuma yvypotyrã,

tchera'y apyre'i ambodjekuainhodjura'e yvypotyrã he'imadje nhaderu, idjyvytenode va'ekue'i aetu edjayva'evi , opaima tcheayvu tcheremiarirõ tcherekoteveiramoma amobeui ovaremavya'e **(nadir: takuaty odjou kokuerãi ruparaĩ rama mba'etcharãvoi oguerotchai aguã terã foitche terã maceteapy ymã ramo oporu raka'e)** mba'eradau ndaikuaveimavy há'e tchee ainỹ macete'eima marada'u oiporu raka'e, marã mbytekue'i ko nhaneramoĩ djevy opava'erã kuery macetepya'i okopi karamboa'e okopi poitche ndoguerekoiae macetepyrive'i okopikuapya'e vaekuerikatu nhaneramoĩ djevy'i, nhaneramoĩ djypy ndaikuavei. **Eu:** ha'evete remobeu'ima djaa'eve. **Alicia:** ha'e'ima amobeu'i aikua'ivyma amobeu'i tcheremiariroĩ. **Eu:** ha'evete tchedjary'i petcha avyavaipavy petcha ayvu'i tchevype remboatchavi ha'egui petcha kyriguepe ambo'e djave aikua'i aguãavi. **Alicia:** ha'evekatu rembo'e rekuadjuma aguã, mboapy irundy'idjuma nhandeayvu ayvu avalema, avalemavya'e ndevypema porami tcheayvu ovalepama. **Eu:** ha'evete! **Alicia:** Ha'evete.

ANEXO 03

ENTREVISTA COM ALCINDO MOREIRA WHERA TUPÃ (Em Guarani)

Idade: 106 Anos

Local: Casa do Senhor Alcindo Moreira Wherá Tupã, Aldeia Yynn Moroti Wherá, M'Biguaçu, SC.

Data: 27 de outubro de 2014, às 09:45.

Colaboração de Wanderley Cadoso Moreira

Wandeley : ymã vague onhoty ve raka'e mba'etchagua minty onhoty ve raka'e?

Wherá tupã: Ha'e va'e ore kuery nhaneramoĩ onhotyve raka'e ro'uiva'erã raka'e , onhotyve aỹ peve nomokanhyĩ , aykatu romokanhy mbama ndjipoveima, ore kuery ma ronhoty vema manduvi, manduvi onhoty ha'e avatchi ku'i reve oityru, ha'e manduvi rykueipy djevy koo ka'aguyrupe otchiguaĩ rykueipe omona kuapy,he'e ymatavy ndjuky ndjipoi, avatchi, koo manduvi onhotyve, oguereko ve hay kova'e o'orami oguereko pave'i pave'i pavetekatu tata pytuare omoĩ ipiru aguã, aetu ko'ema ovyramo, yvyraidja otchapukaidjuma, manduvi reve ho'ui, ndjipoi ayvu vai.

Wanderley: ha'e kueryma petcha onhoty aguã

Where tupã: onhoty'i aguakatu ay omogarai py, onhoty'i aguãvi omboy yary py pavei ete'i, avatchi a'erami, nonhoty rivei omongarai opyipy va'ekuema oeno'emavy ogueratavy yvypyma vy ogueroporai omonhedui aekuerype odjerure otche poraĩ aguã pave tchandjau, tcho yary rykueipe ma tavy, nhande ryrupe koirupiguai omonye'i vaekue djoegua ey ey'i, ha'egui djevykatu ay nhande kue'iry ay avatchi'i ha'e kuery mba'eratu djurua mba'era raga'ey nhande ma nhabo'ete vei aguarami ey, aykatu opama ndjipoveima mamo tataypy'i , amogue oguereko guau'i tavy, ndoguera riveima yvy, ytavy petei reve ey pave tchiu, ko ndedjatchipe raminguai omoĩ akykuemavy tcharyi kuei odjaty djeoi, djatchyre oi oi ey imavy, ae kuri arymavy haĩ mbaramo ndoui reve'iramo rotchapukai guerovya, ha'e roguerotchapuka'i imbovare otchapukai, ay eta va'ekuery djurua kuery opitaiva'ema avatchi omogarai he'ia nda'etchai a'edjepe poramiguapy tchevy oetchauka a'erakatu opita'i djurua kuery ha'evey arami avatchi haĩ omobo yvaterami ae nda'etchai a'etu tcheretchapy etei nda'etchai a'edjepe, nhande kue'iry amboa'eirami nhande kue'iry,

Wanderlei: avatchi ogueruvy mbaetchatu onhogatu anhia avatchi petcha ko nhatchi mbiru pamarire mbaetchakatu odjapo raka'e,

Wherá tupã: ha'e vama inhati mbiru ramama kyrigue'i anhete avi idjayvuavi ndopokorivei koo inhati'iovyramo claro que kyriguerami avipy, kuri inhati mbiruovyma rako a'ekueryma idja imbovare oguera'a pama, inhati mbiruma pedjeramo aygui rei aiporami inhati mbiru petcharamo mba'etcha katu anyĩ imbovare oguera padjuma, oemogoviadju ko yvyre tekoatchi djaikoiramo dja pyta

avarami, ha'e idjypy oguera'a ko ipoty oguerava'e ha'evama perfumerã aekuery oguera'a, yva'epy avatchi ipotyma heakua porã idja oguera'a eỹ mbove, nhande kueiramo ay nhanhambo'etevei

Wanderley: mbaetchatu tcheramoĩ rangue'i aetcha karambo'ae avatchi omboivy omotchaĩ

mba'erãtu ha'e omotcha'ĩ,

Wherá Tupã: ha'e vyma idjypy'i idjapedjupa'i ramo dja omoapytama omotchã redai ipiru'i aguã, ha'e va'ekuedjuma yvy re onhoty'i aỹ djurua kueryrami haĩ rã irudju idjypy idjapedjukatu antigo veio dja omotcha reda'i, noaroĩ idjapedjupa'i, ha'e omotcha ypy idjaedjupa , ay reinhi'a fevereiro heia yroy idjypy onhoty, haĩ ra'i ekovia dja'e .

ay dje avatchi pe avatchi djareko djurua kuery mba'erã eỹ, ha'e kuery nhandevy obodjerá va'ekue, aykatu nhande djurua pamavy, anheteavi etarami meme nhande kuai.

wandeley: nhande kuery ndadjaikuapotai avi mberapa

wherá tupã: ndadjaikuapotavei haỹ, aiporamigua'i voi ma mava'einda'u pedu va'erã idjayvu vamoĩ rague'i ikatcho ague oapytchare oguereko va'ekue pedevy aguã rame aguepy, etavy oy'u apy

Eu: mba'etchaguapy okopi aguã ha'e kuey oporu djepi?

Wanderley: o ymagua petcha , ymaramo macete reigua ndaipoi mbaetchaguapy

Wherá tupã: yvyra raĩbeipy, ita raĩbe'i , ita ikytche poraipy , itavy yvyrá ty hya'ĩ , takua ty'iapy oinupã omonhetchuitchui, kova'e arã guydje onhoty rire omoegovia, oguerova rovai, djadjetchavai ore rodjetchavai va'ekue rima, djety rodjo'oi aguãtu ita rakua ipy

Wanderley: mba'etchatu oka'api avy?

Wherã tupã : anỹko rotcharo ipyaui katu ndjai va'ey ,**Rosa Poty Dja** yvy ratã heỹ iramo va'e rotcharo pyaui, ava'etu omodoro doro'ĩ nhande kua porã ha'eregua nhamodoró.

Wherá tupã: ayma etarami meme tenko.

ANEXO 04

FOTOS DE LAVOURAS AGRICULTURA EM GERAL

PESSOAS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A PESQUISA

CBN DIÁRIO

Naturologia é Saúde
Procure um naturólogo